

A espera: limites e possibilidades na escrita do jornalismo¹

Ângela RAVAZZOLO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre - RS

RESUMO

Este artigo propõe um debate em torno do texto *A Espera*, de Matheus Leitão, publicado em agosto de 2015 na plataforma Medium. O jornalista produz uma reportagem na qual busca encontrar o homem que delatou seus pais, militantes de esquerda, à ditadura militar brasileira. A partir de teóricos como Medina (1986), Motta (2005) e Resende (2005), este estudo propõe possíveis relações entre o texto escrito em primeira pessoa, com envolvimento pessoal direto do jornalista na história, e o cenário contemporâneo do jornalismo, marcado pela velocidade das novas tecnologias na disseminação de informações e também pela possibilidade de explorar formatos de escrita que se distanciam dos manuais jornalísticos.

PALAVRAS-CHAVE: escrita; jornalismo; ditadura militar; A Espera; Matheus Leitão.

Uma proposta de estudo para *A Espera*

A escrita jornalística tem sido marcada, ao longo de sua história, por padrões, regras e pressupostos que se repetem, em maior ou menor intensidade, no dia a dia das redações. O lead, a pirâmide invertida, a objetividade, a imparcialidade são elementos que compõem a prática e o discurso dos próprios jornalistas a respeito de seu ofício. Mas essas características, embora hegemônicas, de tempos em tempos são questionadas e desafiadas com diferentes propostas e modelos.

Na década de 60, o *New Journalism* propôs caminhos para escapar das limitações da pirâmide invertida, com a veiculação de textos de maior extensão e que exigiam longos períodos de apuração (PENA, 2013). Obras como *A sangue frio*, de Truman Capote, transformaram um crime cometido no interior dos Estados Unidos em um livro-reportagem com o fôlego de um romance. A partir de fatos e personagens reais, Capote constrói uma obra rica em detalhes, cenários e personagens representados em um texto minucioso, com uma narrativa envolvente. Este tipo de produção pretendia

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora de Jornalismo da ESPM-Sul, e-mail: aravazzolo@espm.br

se distanciar do modelo tradicional e colaborou para o crescimento da produção do formato de livro-reportagem:

Resta acrescentar que o principal legado do new journalism – o de que a melhor reportagem, no sentido de captação de campo e fidelidade para com o real, pode combinar-se muito bem com a melhor técnica literária – encontrou sua mais refinada expressão no livro-reportagem. Exatamente porque neste, apesar dos avanços da reportagem literária em veículos cotidianos, ainda oferece as condições ideais para a narrativa jornalística que precisa escapar à produção industrial cerceadora do jornalista criativo. (LIMA, 2009, p. 210)

O novo jornalismo, de origem norte-americana, não foi a primeira nem a única iniciativa a desafiar a pirâmide invertida, mas o legado de autores como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe, entre outros, pode ser um exemplo para iniciar o foco de debate que se propõe neste artigo: os limites e as possibilidades da escrita jornalística. A partir do texto *A Espera*, de Matheus Leitão, propõe-se aqui estabelecer um diálogo teórico-prático com o cenário contemporâneo do jornalismo, em que as transformações desencadeadas pelas novas tecnologias atingem não só o mercado de trabalho e o modelo de negócio mas também abrem possibilidades a novos formatos de produção jornalística. Desta forma, as próximas seções deste texto vão trazer autores que teorizam sobre a escrita jornalística, uma contextualização do cenário da produção jornalística contemporânea e, por fim, propostas de análise para o texto de Leitão.

A escrita e os padrões da prática jornalística

Ainda que no cotidiano das redações jornalísticas em geral as produções de notícias e reportagens sejam muitas vezes elaboradas e apresentadas ao leitor a partir de uma suposta imparcialidade e total objetividade, entre os teóricos essa posição tem sido colocada em xeque há bastante tempo. Cremilda de Araújo Medina já se posicionava claramente em relação a este ponto ao discutir a relação entrevistador-entrevistado em uma de suas obras:

Por mais distanciamento que se imponha ao lidar com outro ser humano - o entrevistado -, não se evitará nunca a interferência do eu subjetivo do entrevistador, seja ele escudado na oposição de idéias ou no esforço para não se ‘perverter’ pela simpatia que poderá invadi-lo. Essa ilusão objetiva cai por terra no primeiro momento de aproximação: ambos os oponentes, digamos assim os protagonistas de uma ação convencionalmente feita de estocadas, entrarão em campo através de uma linguagem (verbal ou não-verbal), um modo de dizer, comprometida com o real-imaginário de cada um. (MEDINA, 1986, p. 44)

A “ilusão objetiva” citada por Medina pode ser relacionada a uma outra configuração significativa no texto jornalístico em geral: o “desaparecimento” do autor ao longo da narrativa. Mesmo em textos assinados, com o autor devidamente apresentado no início da leitura, o jornalista não costuma se colocar diretamente no texto, em primeira pessoa ou com impressões subjetivas e impressionistas. Luiz Gonzaga Motta (2005) trata deste “autor escondido” quando debate as relações entre narrativa e prática jornalística, reforçando a ideia de que o jornalista costuma utilizar “expressões mais descritivas e objetivas da realidade”:

Diferentemente da forma narrativa, o jornalista procura desvanecer a sua presença e transforma-se num mediador discreto (*grifo meu*). Enquanto mimese, o jornalismo se restringiria a descrever objetivamente a realidade, evitando contar histórias no sentido tradicional da palavra. (MOTTA, 2005, p. 26)

Resende (2005) discute a atuação do narrador-jornalista, argumentando que o jornalista não escolhe como narrar, especialmente diante da força dos manuais de redação, que “ditam as regras sobre as quais se deve fundar a narrativa jornalística”. Para o autor, a existência desses manuais, que legitimam o “efeito de verdade”, ainda permite, dentro dessa lógica de atuação, “uma aparente neutralidade”:

Nas narrativas jornalísticas, o ato de narrar é uma problemática a ser enfrentada. Nelas, a forma autoritária de narrar as histórias mantém-se, e, de certa forma, com muito mais agravantes por apresentar-se velada. Envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como operadores, o discurso jornalístico tradicional – aquele que é epistemologicamente reconhecido – dispõe de escassos recursos como os quais narrar os fatos do cotidiano. (RESENDE, 2005, p. 92).

As considerações teóricas de Motta e Resende colocadas acima auxiliam em uma perspectiva de estudo do texto que justamente escapa de algumas das regras tradicionais divulgadas nos manuais, especialmente o ponto da estratégia de autoridade,

relacionada às ideias de verdade, objetividade e imparcialidade, compondo a figura de um mediador discreto.

A autoria no jornalismo em novos cenários

Os modelos propagados nos tradicionais manuais de redação ainda são bastante fortes e pontuam boa parte da produção jornalística contemporânea, mas os questionamentos a este modelo, que costumam ficar restritos à esfera acadêmica, de forma geral, têm hoje a possibilidade de ocupar espaços diferenciados, utilizando as ferramentas e plataformas digitais que crescem. O cenário atual, já transformado pelo crescimento vertiginoso da web e das novas tecnologias, bem como das redes sociais em geral, pode se transformar na alternativa concreta de publicação, sem depender da chancela dos editores ou diretores das empresas jornalísticas, ou mesmo das editoras de livros, com custo mais acessível.

O cenário atual da produção jornalística, em geral, tem enfrentado nas últimas décadas transformações profundas, relacionadas à profusão e ao crescimento vertiginoso da web e especialmente das redes sociais em geral. Em uma sociedade em que as informações se espalham com uma velocidade viral, tanto jornalistas quanto usuários de *smartphones* podem ser autores e distribuidores de informação, escapando do caminho unilateral que costumava marcar a produção jornalística, em geral, no século passado.

Relatório do Tow Center for Digital Journalism propôs o surgimento de um “jornalismo pós-industrial”, em que a informação passa a seguir um modelo distinto de produção e distribuição de notícias daquele que se consagrou ao longo do século XX, de grandes corporações de mídia, nas quais diretores e editores selecionavam o conteúdo a ser distribuído para leitores, ouvintes ou telespectadores, com pouco espaço para interatividade com o público. (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013). Hoje, no cenário pós-industrial, com o crescimento e as possibilidades abertas pelas novas tecnologias e variadas plataformas digitais, produzir e distribuir informação está ao alcance de grupos menores ou mesmo de indivíduos.

Em seguimento a este documento, outro relatório, de 2017, aponta para o que os autores chamam de uma “terceira onda”. Depois de uma fase inicial em que os veículos tradicionais se preocuparam em adaptar o conteúdo para o meio digital, seguida de uma etapa em que a disponibilidade de banda larga e a Web 2.0 ampliaram as possibilidades de “publicação de material multimídia em qualquer lugar. Jornalismo interativo,

comentários sobre artigos, podcasting e crowdsourcing trouxeram oportunidades interessantes para o jornalismo” (BELL, OWEN, 2017, p. 16). A terceira onda seria o momento atual, em que empresas privadas dominam a internet e detêm uma influência significativa sobre o que se vê e o que se consome em sites e redes sociais de forma geral:

A internet que vemos hoje, uma em grande parte controlada por duas a três empresas, está muito longe da web aberta de Tim Berners-Lee. Somente nos últimos dois anos, a integração entre o negócio de notícias e plataformas sociais, como Facebook, Twitter, Snapchat e Google, acelerou. Globalmente, existem mais de 40 sites de redes sociais diferentes e aplicativos de mensagens através dos quais as editoras de notícias podem alcançar segmentos de sua audiência. O Facebook opera a uma escala até agora não vista. Nenhum veículo na história do jornalismo teria desfrutado do mesmo tipo de influência sobre o consumo de notícias do mundo. (BELL, OWEN, 2017, p. 17-18).

É neste contexto de transformações e contradições que surgem novos modelos de negócio em jornalismo, que compõem não só um novo mercado trabalho mas também a possibilidade de criação de novos formatos de expressão e divulgação da produção jornalística em geral. Relatório do SembraMedia indica que no contexto latino-americano há um cenário “vibrante”, com iniciativas diversificadas tanto em relação ao conteúdo que produzem quanto à forma que as empresas estão estruturadas. Um ponto em comum é a busca por independência editorial (SEMBRAMEDIA, 2017).

Mientras los medios tradicionales pierden una porción del mercado, emergen tipos de fuentes de información completamente nuevos, desde sitios web con información general, hasta influenciadores de redes sociales y boletines electrónicos de nicho. A lo largo y ancho de la región, los emprendimientos periodísticos se vuelven cada vez más importantes y son fuentes de noticias que gozan de credibilidad y transforman el complejo paisaje de los medios en una multiplicidad de formas. (SEMBRAMEDIA, 2017).³

Pesquisa desenvolvida com jornalistas empreendedores no Rio Grande do Sul aponta para a necessidade de estimular, nas universidades, o desenvolvimento de projetos em empreendedorismo como estratégia para o mercado atual – proposta, inclusive, que está elencada nas diretrizes curriculares do governo federal do Brasil para

³ Enquanto os meios tradicionais perdem uma porção do mercado, emergem tipos de fontes de informação completamente novos, desde sites com informações gerais, até influenciadores de redes sociais e boletins eletrônicos de nicho. Em boa parte da região, os empreendimentos jornalísticos estão ganhando cada vez mais importância e são fontes de notícias com credibilidade e transformam a complexa paisagem dos meios em uma multiplicidade de formas. (tradução livre da autora)

o curso de Jornalismo (RAVAZZOLO; VIEIRA, 2017). Essa necessidade de aprendizado, e a constatação da falta dele ao longo do curso superior já finalizado, é citada pelos jornalistas entrevistados na pesquisa e que hoje atuam como empreendedores.

Não se pretende esgotar aqui o debate em torno do cenário contemporâneo da produção jornalística, mas este contexto é importante porque é nele que surgem possibilidades reais de exploração e produção de formatos diferenciados em jornalismo. Sem as “amarras” das grandes redações, em empreendimentos digitais que se propõem a desenvolver novos modelos de negócio, jornalistas podem se aventurar em reportagens que também rompem padrões.

O texto *A Espera*, de Matheus Leitão, é um exemplo desse tipo de produção, que foge do modelo tradicional objetivo e imparcial, apresentando ao leitor um repórter-autor diferente do tradicional, já que a apuração da reportagem é também a busca pessoal e individual de uma história familiar significativa e marcante, portanto “contaminada” com subjetividade e o envolvimento direto do repórter.

A espera: uma proposta de debate

Diante das considerações teóricas já apresentadas, propomos aqui um debate em torno do texto *A Espera*, do jornalista Matheus Leitão. Publicado em agosto de 2015, o texto foi veiculado com o selo do Brio, por meio da plataforma online Medium (LEITÃO, 2015). Para este artigo, o foco da análise estará neste texto especificamente, especialmente pela estrutura e pela proposta da reportagem, mas também pela plataforma na qual foi publicado naquele momento.⁴

No texto publicado no Medium, Leitão conta, em primeira pessoa, sua trajetória pessoal e profissional de procura pelo homem que denunciou seus pais durante o período da ditadura militar. Apresentada no formato *long form*, a publicação online reúne fotografias e vídeos, além de um texto dividido em capítulos, que contam a história dessa busca a partir de uma estrutura de organização cronológica.

O diferencial do texto de Leitão não é a apresentação formal no site, tampouco a extensão do texto, mas sim o fato de que ele é parte da história que conta, já que o mote da reportagem *A Espera* é a procura investigativa pelo homem envolvido na prisão e

⁴ Em 2017, o autor lançou o livro *Em Nome dos Pais*, compondo uma versão ampliada desta primeira reportagem.

tortura de seus pais. Fato marcante na memória familiar dos pais e de seu irmão, determinando um envolvimento direto e intenso do jornalista em todo o processo de produção da reportagem. Uma intensidade e subjetividade sobre as quais o próprio jornalista apresenta questionamentos e reflexões ao longo do texto publicado, referindo ao momento anterior, quando ainda trabalhava na redação do jornal:

A verdade é que, entre uma reportagem e outra que eu fazia sobre a ditadura, inclusive sobre a Guerrilha do Araguaia, parecia que eu estava sempre à procura do passado dos meus pais. Era como se a linha ligada ao anzol ficasse ainda mais tensa. Puxava-me ao local de onde eu não deveria sair.(...) Mesmo quando eu não queria, histórias sobre o regime apareciam à minha frente. Tanto que passei a ser uma espécie de setorista do jornal Correio Braziliense na área. (LEITÃO, 2015)

Também em entrevistas durante o lançamento do livro, em 2017, ele próprio admitiu que, em um primeiro momento, sentiu-se impedido de contar aquela história:

Sempre me vi impedido de escrever o livro por causa do envolvimento emocional, mas em 2012 tive acesso ao termo 'self journalism' como professor visitante da Universidade de Berkeley, na Califórnia [EUA], e vi que era possível escrever a obra. Desde que deixasse claro, para o leitor, a minha relação com o título (LEITÃO, 2017).

O que se percebe nesses trechos de reflexão do jornalista é um questionamento claro à ideia de que o jornalista deve se posicionar a certa distância da fonte, o que garantiria a objetividade e a imparcialidade dos manuais de redação e dos discursos que se propagam dentro e fora das redações. Ainda que teóricos do jornalismo já venham fazendo essa crítica, conforme já colocado, é perceptível a quebra de um cânone do jornalismo em *A Espera*, com um autor que se coloca diretamente, em oposição àquele tipo de autor e narrativa citados por Motta (2005) e Resende (2005).

Mas, ao mesmo tempo em que rompe com a fórmula tradicional do distanciamento, Leitão segue padrões e rigores que pontuam a prática profissional dos jornalistas no dia a dia. Ao longo do texto, percebe-se claramente uma preocupação com apuração, com a busca por fontes e documentos que chancelem a reportagem. Ou seja, se por um lado o autor se questiona sobre a possibilidade e os limites de ele próprio produzir uma reportagem diretamente relacionada a sua história familiar, também se preocupa em realizar a reportagem de forma transparente, com fontes, entrevistas, com uma descrição detalhada do percurso realizado até a finalização e publicação do texto. No momento em que descreve o encontro com o homem que tanto procurava, o repórter

expõe os diálogos diretamente, descreve o ambiente e ainda expõe seus sentimentos com a resposta que escuta do entrevistado:

Você entregou meus pais?

Oh, quando eu caí... Eu sei qual o teu problema aqui... Eu já estava te esperando. Quando eu caí, eu caí com a imprensa completa. Não tinha como dizer “eu não sou do partido”. Essa é a primeira coisa.

Foedes interrompe incomodado e faz um barulho como se quisesse cuspir no chão. Cláudio, seu filho, entra com duas xícaras de café. “Se não estiver bom, deixa aí no canto por que é café [simples]”.

Olhei para Eduardo, que segurou o seu e não tomou. Olhei para a xícara e tomei um gole com gosto. Precisava tentar rebater o efeito de letargia do remédio Dramin. (LEITÃO, 2015)

Um outro ponto a destacar é a transparência do processo de apuração, já que em diferentes momentos o autor apresenta os bastidores da reportagem, ou seja, as estratégias executadas para a apuração e ainda dilemas que surgiram ao longo do processo, como no trecho abaixo:

Sentia-me um intruso. Um último questionamento perdurava na minha cabeça: se eles não haviam falado publicamente do próprio passado, por que eu deveria fazê-lo?

Esse último questionamento foi resolvido em depoimento dado pela minha mãe ao jornalista Luiz Cláudio Cunha, que o publicou em agosto de 2014 no Observatório da Imprensa. Nele, minha mãe contou que havia feito, sozinha, uma visita ao velho forte militar no qual esteve presa, e falou das torturas.

Com ampla repercussão na mídia brasileira, as fichas encontradas por mim no STM foram divulgadas em sites, jornais e revistas das mais importantes do país, para ilustrar o seu depoimento sobre as mazelas que sofreu grávida, sob tortura.

O escritor irlandês James Joyce, em sua obra prima, “Ulisses”, faz um personagem dizer a certa altura: “A História é um pesadelo do qual a humanidade está tentando acordar”. Era tempo de acordar do nosso. (LEITÃO, 2015)

Também é significativo observar os momentos em que o autor debate o andamento da reportagem com a mãe, a jornalista Miriam Leitão, um dos personagens centrais da reportagem:

Olhei meus e-mails e, um, da minha mãe, me esperava.

“Você está aí? Espero que não, que esteja dormindo, ressonando. Vou ler mais um pouco. Boa noite meu filho. Ele é homem estranho, esse que você procura. Seu pai disse: “ vaidoso”. Eu digo: “dissimulado”. Ele envelheceu com o segredo: por que entregou todo mundo? O que sentiu quando soube que levou pessoas para a morte? Eu nunca gostei dele. Cisma. Ele nunca gostou de mim. Peça a Deus que você consiga contar sua história. Segue seu instinto”. (LEITÃO, 2015)

Em outro ponto dos diálogos que retratam o encontro do jornalista com o homem que delatou seus pais, ele relata sentimentos e sensações explicitamente:

Mas ele é um herói.

Sim, ele é um herói e está lá dentro da cova. Para nós, ele seria um herói muito mais apetecível se ele estivesse aqui na luta do povo brasileiro. Isso são afirmações temerárias. Como um dirigente responsável, ele não devia dizer isso porque, simplesmente, ia aguçar a luta dos algozes da ditadura contra ele... até a morte.

Foi a primeira vez que senti uma raiva incontrolável na entrevista. Mais ainda do que quando ele disse ter entregue meu pai e minha mãe à tortura, ou o querido Lincoln à morte. A frase saiu de dentro de mim com a força de uma erupção que há muito tempo estava presa. (LEITÃO, 2015)

Nos trechos elencados, fica evidente um tipo de relação entre entrevistado e entrevistador posicionada com emoção e enorme subjetividade, e aqui as palavras de Medina (1986) podem ser repetidas para descrever o diálogo entre o repórter e o homem que denunciou seus pais: “protagonistas de uma ação convencionalmente feita de estocadas, entrarão em campo através de uma linguagem (verbal ou não-verbal), um modo de dizer, comprometida com o real-imaginário de cada um” (MEDINA, 1986, p. 44)

Ao longo de toda a reportagem, o encadeamento de informações concretas, reflexões pessoais e descrições de sentimentos compõe um texto que ao mesmo tempo em que se diferencia do modelo tradicional não deixa de se posicionar como uma reportagem, já que resulta de um processo de apuração cuidadoso, detalhado, claro, e a respeito de um fato e momento histórico fundamentais da história recente brasileira. Assim, contém os elementos básicos do jornalismo, a partir de critérios de noticiabilidade claros: interesse público, fontes e texto com a clareza necessária para a comunicação jornalística.

Considerações finais

O estudo proposto aqui sobre a reportagem *A Espera* faz parte de uma proposta inicial de pesquisa que pretende, como objetivo maior, investigar as possibilidades de escrita que desafiam as regras tradicionais, em plataforma e formatos inovadores. Este estudo certamente não esgota todas as possibilidades de análise, mas permite uma primeira reflexão sobre a produção jornalística no cenário contemporâneo. Ao mesmo tempo em que se permite produzir um texto que escapa do modelo tradicional da pirâmide invertida, da imparcialidade e do distanciamento, Leitão consegue apresentar um resultado ao leitor que pode ser identificado como uma reportagem, pois segue uma série de procedimentos, já debatidos acima, que o situam como um produto jornalístico.

O fato de a reportagem ter sido publicada em um veículo que não pertence à chamada “grande imprensa” também é um elemento importante, já que novas plataformas e espaços como o Brio e o Medium permitem certa liberdade de formato e texto. Não se pode garantir que, em uma redação tradicional, esse tipo de produção jamais existiria ou seria publicada, mas se pode argumentar que os veículos jornalísticos que ancorados em um modelo industrial de produção, normalmente pertencentes a grandes empresas privadas de comunicação, seguem direcionamentos usualmente mais tradicionais, de acordo com as regras vigentes nos manuais de jornalismo consolidados especialmente ao longo do século XX.

Desta forma, é interessante que esses textos que escapam do modelo tradicional sejam explorados e estudados, inclusive nas salas de aula dos cursos de graduação, à luz de um cenário contemporâneo de transformações. Neste contexto contraditório de crise e inovação, há espaço para a experimentação de novos modelos de negócio e também pode haver uma abertura importante para práticas e conteúdos inovadores, que consigam, inclusive, dialogar com as teorias acadêmicas do jornalismo de forma efetiva e concreta.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, n.5, p. 30-89, abril/maio/jun. 2013.

BELL, Emily; Owen, Taylor. **The Platform Press: How Silicon Valley Reengineered Journalism**. Tow Center for Digital Journalism. Columbia Journalism School. 2017

<http://towcenter.org/wpcontent/uploads/2017/04/The_Platform_Press_Tow_Report_2017.pdf>
Acesso em outubro de 2017.

CAPOTE, T. **A sangue frio**: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

LEITÃO, M. **A espera**. Brio, 26 de agosto de 2015. Disponível em: < <https://medium.com/brio-stories/a-espera-872f4f529423>> Acesso em: 5 de julho de 2018.

LEITÃO, M. Entrevista à jornalista Letícia Carvalho. **Matheus Leitão, do G1, lança livro sobre ditadura nesta terça em Brasília**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/matheus-leitao-do-g1-lanca-livro-sobre-ditadura-nesta-terca-em-brasilia.ghtml>>
Acesso em: 7 de julho de 2018.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**. O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2009.

MEDINA, C. de A. **Entrevista – O diálogo possível**. São Paulo:, Ática, 1986.

MOTTA, L. G. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Contracampo – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Dossiê Histórias e Teoria do Jornalismo. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 12, 1º semestre de 2005.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2013.

RAVAZZOLO, A.; VIEIRA, K. M. **Novos negócios em jornalismo: propostas empreendedoras em sala de aula**. In: Ibercom 2017 - Livro de Anais. (p. 4978- 4996). São Paulo / Lisboa: ECA-USP / FCH-UCP, 2018. Disponível em: <<http://assibercom.org/ebook-ibercom-2017.pdf>> Acesso em: 6 de julho de 2018.

RESENDE, F. **O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista**. Contracampo – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Dossiê Histórias e Teoria do Jornalismo. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 12, 1º semestre de 2005.
<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/560/327>

SEMBRAMEDIA. **Punto de Inflexión** - Impacto, amenazas y sustentabilidad: Estudio de emprendedores de medios digitales latinoamericanos. Disponível em: <> Acesso em: outubro de 2017.